



## CONVERSAS AOS QUATRO VENTOS: ENTREVISTA COM JULIANO GARCIA PESSANHA, ANTONIO CARLOS SECCHIN E MARIA VALÉRIA REZENDE

Cleber Araújo Cabral\*  
Marcos Fabio de Faria\*\*

\* ccabral@gmail.com  
Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura  
Comparada – FALE-UFMG.

\*\* quitoteatro@gmail.com  
Formado em Letras, Português e Alemão, e mestrando  
em Estudos Literários, ambos pela FALE-UFMG.

A literatura e a vida: modos de usar. A partir deste mote foram encaminhadas algumas questões para três escritores da literatura brasileira contemporânea: Juliano Garcia Pessanha, Antonio Carlos Secchin e Maria Valéria Rezende. Mais que inquirir sobre as condições e procedimentos empregados por eles na criação do texto literário, nosso intento consistia em estimular reflexões acerca da literatura. Em resposta, Pessanha, Secchin e Rezende retornaram mediações instigantes, tendo por base suas experiências com a escrita (e a leitura) literária.

Pensar a vida a partir da Literatura, hoje: para quê? Talvez para tocar o outro, “seja quem for” e, quem sabe, alargar

nossa experiência e engendrar uma troca de narrativas que viabilize outras formas de comunidade.

Nos três depoimentos que se seguem, a escrita e a leitura se apresentam como necessidades e possibilidades de se compor, dizer e ressignificar as condições do humano e de viver.

Que estas conversas tenham o destino de “uma mensagem na garrafa, lançada ao mar na convicção – decerto nem sempre muito esperançada – de um dia ir dar a alguma praia”.<sup>1</sup> Esta é nossa aposta – bem como o risco de cada texto.

\*\*\*

1. CELAN, Paul. Alocução na entrega do Prémio Literário da Cidade Livre e Hanseática de Bremen (1958). In: *Arte Poética, O Meridiano e Outros Textos*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1996, p. 34.

LITERATURA, DIZER DE ESPECIALISTA, PALAVRA INÚTIL OU DE PRECISÃO NECESSÁRIA?

Pessanha – Ela pode até ser inútil como a árvore de Chuang Tzu mas foi necessário dizer algo.

ESTIMULAR A EXPERIÊNCIA DO APRENDER E DO PENSAR A PARTIR DA LEITURA DA PALAVRA LITERÁRIA, HOJE. PARA QUÊ?

Pessanha – A literatura pode também pensar fundo e presentear com o adensamento do si mesmo.

QUESTIONADA A PROPÓSITO DE EM QUE CONSISTIA A ESCRITA VIRGINIA WOOLF DISSE: “QUEM FALA DE ESCREVER? O ESCRITOR NÃO FALA DISSO, ESTÁ PREOCUPADO COM OUTRA COISA.” O QUE O MOBILIZA A ESCREVER?

Pessanha – Muitos escritores modernos são escritores críticos (Baudelaire, Eliot, Paz). Ruminam também sobre o escrever. Muitas coisas levam alguém a escrever. No meu caso foi o estar atravessado pelo enigma de ser um self negativo.

HÁ UMA ATUAL CRISE QUE ACOMETE AS EXPERIÊNCIAS DO NARRAR E DA LEITURA?

Pessanha – Sem dúvida alguma.

“ESCREVER. / NÃO POSSO. / NINGUÉM PODE. / É PRECISO DIZER: NÃO SE PODE. / E SE ESCREVE” (DURAS). “CRIANDO, NO NOSSO,

OUTROS CORPOS, A LITERATURA TORNA POSSÍVEL VIVENCIAR VIDA, E, TORNANDO VIDA VIVÍVEL, A LITERATURA TORNA VIDA REAL” (PUCHEU). A PARTIR DESSES DOIS TEXTOS PODEMOS PENSAR QUE SE ESCREVE, JUSTAMENTE, AQUILO QUE NÃO SE SABE E AINDA QUE A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA É UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA, DE “CRIAR” VIDA, DE TORNAR A PRÓPRIA VIDA VIVÍVEL, EM OUTRAS PALAVRAS, “ESCREVER É O DUPLO DE VIVER”(LLANSOL). TENDO ESTAS CITAÇÕES E ARGUMENTOS POR BASE, COMO ENTÃO LER UM TEXTO DESSA ORDEM? COMO FAZER DA LEITURA UM LUGAR DE COMPOSIÇÃO DE VIDA E NÃO MAIS DE ELUCIDAÇÃO DO TEXTO? COMO FAZER COM QUE A LEITURA GUARDE E AMPLIE O ENIGMA DO TEXTO?

Pessanha – Todas as afirmações são verdadeiras e ler um texto incandescente é luzir também com ele. Deixar-se tocar pelo dito. Ainda assim não sou devoto de uma teologia da palavra e vejo todo dia pessoas que jamais escreveram mas que carregam notícias poéticas no gesto.

ARTE, ASSOMBRO, VIDA, EXCEÇÃO, POSSIBILIDADE. QUE RELAÇÕES TE ACORREM ENTRE ESTES TERMOS?

Pessanha – São termos aparentados mas que não dizem respeito apenas ao literário.

HÁ UM PAPEL DO ESCRITOR NA SOCIEDADE?

Pessanha – Evandro Affonso Ferreira um escritor amigo meu diz que o papel do escritor é o A4.

LITERATURA: UMA AMEAÇA, UMA APOSTA, EM PERIGO OU UM RISCO?

Pessanha – Vejo mais como aposta: a carta lançada aos 4 ventos. A garrafa n'água de Paul Celan.

\*\*\*

LITERATURA, DIZER DE ESPECIALISTA, PALAVRA INÚTIL OU DE PRECISÃO NECESSÁRIA?

Secchin – Algo que não serve para coisa nenhuma, salvo para mudar a sua vida.

QUESTIONADA A PROPÓSITO DE EM QUE CONSISTIA A ESCRITA VIRGINIA WOOLF DISSE: “QUEM FALA DE ESCREVER? O ESCRITOR NÃO FALA DISSO, ESTÁ PREOCUPADO COM OUTRA COISA.” O QUE O MOBILIZA A ESCREVER?

Secchin – A outra coisa – que, todavia, só consigo assediar através da escrita.

HÁ UMA ATUAL CRISE QUE ACOMETE AS EXPERIÊNCIAS DO NARRAR E DA LEITURA?

Secchin – Todas as artes de representação (literatura, cinema, teatro) são afetadas pelas mudanças nos veículos (livros/e-books/Internet) que as “transportam”, na mesma medida em que se amplia (e se torna difuso) o conceito de

leitor. Essa expansão, todavia, não é eficaz para alavancar a visibilidade da poesia – no caso, multiplica os guetos.

“ESCREVER. / NÃO POSSO. / NINGUÉM PODE. / É PRECISO DIZER: NÃO SE PODE. / E SE ESCREVE” (DURAS). “CRIANDO, NO NOSSO, OUTROS CORPOS, A LITERATURA TORNA POSSÍVEL VIVENCIAR VIDA, E, TORNANDO VIDA VIVÍVEL, A LITERATURA TORNA VIDA REAL” (PUCHEU). A PARTIR DESSES DOIS TEXTOS PODEMOS PENSAR QUE SE ESCREVE, JUSTAMENTE, AQUILO QUE NÃO SE SABE E AINDA QUE A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA É UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA, DE “CRIAR” VIDA, DE TORNAR A PRÓPRIA VIDA VIVÍVEL, EM OUTRAS PALAVRAS, “ESCREVER É O DUPLO DE VIVER”(LLANSOL). TENDO ESTAS CITAÇÕES E ARGUMENTOS POR BASE, COMO ENTÃO LER UM TEXTO DESSA ORDEM? COMO FAZER DA LEITURA UM LUGAR DE COMPOSIÇÃO DE VIDA E NÃO MAIS DE ELUCIDAÇÃO DO TEXTO? COMO FAZER COM QUE A LEITURA GUARDE E AMPLIE O ENIGMA DO TEXTO?

Secchin – Na criação, escrevemos para saber o quanto desconhecemos daquilo que vai sendo escrito – pois, se o soubéssemos, para que escrever? Trata-se de uma zona de neblina, onde intuição/sensibilidade/imaginação/memória travam luta ferrenha, sem certeza de aonde se chegará (na maioria das vezes, a lugar nenhum). Se nenhum texto espelha a vida de um autor, tampouco nenhum a desmente.

ARTE, ASSOMBRO, VIDA, EXCEÇÃO, POSSIBILIDADE. QUE RELAÇÕES TE ACORREM ENTRE ESTES TERMOS?

Secchin – A cada dia somos inundados em mais e mais explicações da vida. Existimos em meio a uma hiperinflação de significados – que, ainda assim, não nos bastam. Resta ao artista, incessantemente, ressignificar; como disse em outro contexto, ele é um São Tomé às avessas: vê para descrever; um profissional (ou amador) da descrença.

HÁ UM PAPEL DO ESCRITOR NA SOCIEDADE?

Secchin – Qualquer um, desde que não seja o papel carbono.

#### **DIVAGAÇÕES DE MARIA VALÉRIA REZENDE A PARTIR DAS PERGUNTAS**

Quando falamos de literatura, hoje, vem logo à cabeça a ideia do livro, ou até mesmo de mercado editorial e seus adendos: lançamentos, resenhas, feiras, festas literárias, revistas, blogs, crítica, suplementos culturais dos jornais, prêmios, entrevistas na TV e no Youtube, e, por fim, escritores, escritores promissores, escritores celebridades, escritores *popstars* etc... mas a literatura ou algo que precedeu e gerou o que hoje chamamos de literatura (de “letra” e não de “fala” ou “voz”...) nasceu milênios antes da escrita e do livro, nasceu como narrativa, ainda que em grunhidos e gestos, dos perigos, assombros, medos, das aventuras e vitórias, dos sentimentos, desejos, dores e sonhos, e mesmo do simples

cotidiano; nasceu canto e poema, conversa ou cantilena em torno da fogueira. Era sagrada, não mercadoria. Isto depois foi reduzida a uma categoria “menor”, que a gente chama de literatura oral e que os pesquisadores vão estudar como se fosse um besouro, ou os escritores tratam de imitar na escrita como grande inovação.

Já é lugar comum dizer que o humano é linguagem... mas a linguagem não se constituiu por si, enquanto sistema, não nasceu de si mesma nem baixou de nenhum céu platônico das ideias, nasceu da necessidade, do desejo e do esforço humanos de dizer o mundo e dizer-se, a si mesmo e ao outro, sem o que não há “si mesmo” nem “mundo”. Prosa, poesia, canto é sempre, no fundo, na origem, narrativa.

Ora, toda narrativa é um texto literário, não é um simples reflexo, reprodução verbal da realidade tal e qual. É a realidade, externa ou subjetiva, peneirada através da nossa percepção, elaborada dentro dos limites e possibilidades da linguagem que possuímos, coada pelo filtro dos nossos sentimentos e, então, o que a voz emite é sempre uma criação do sujeito, expressa em palavras, que pode chegar a ser impressa com tinta em papel ou com pixels em uma tela.

A literatura, neste sentido, é indispensável, porque construiu e continua a construir a humanidade e cada um de nós como ser humano. Sem literatura, narrativa, canto, não

haveria o ser humano que conhecemos, haveria apenas um animal bípede com pouco pelo. E, francamente, sempre me faz rir o literato, seja lá de que grau for, que se acha capacitado para profetizar ou até decretar o fim da literatura.

Como pensamos nossa história pessoal, como nos tornamos nós mesmo? Como é que a nossa identidade se constitui? Como é que minha identidade se constituiu? Para começar, através do que me contaram e me contam a meu respeito. Não tenho memória direta ou consciente dos meus primeiros anos de vida, nem mesmo da ter aprendido a falar e entender a fala dos outros, eu não tenho memória direta da minha gestação nem da vida anterior dos meus pais, meus avós, meus ancestrais e, no entanto, quando eu penso em mim é um “mim” que carrega todas essas histórias, e mais todas as histórias dos outros que me fazem descobrir e assumir a inesgotável variedade dos modos possíveis de se ser humano.

Cada um de nós é um ser único. Os humanos não somos só complexos, nós somos extremamente variáveis, cada um é uma exceção dentro da espécie justamente porque se cria e recria, durante a vida toda, a partir da sua biografia narrada e auto-narrada e das várias narrativa que se foram fazendo dentro dele ou para ele, ao sabor da vida, de seus percalços e encontros, encruzilhadas, projetos, escolhas, acasos.

Somos criados pelas histórias que percebemos com nossos cinco sentidos, vivemos, contamos, ouvimos contar ou cantar, lemos: é isso que nos vai dando matéria para escolher e fazer de cada um de nós o ser humano único que é, para o bem ou para o mal. E haja marketing propondo-se a nos uniformizar como cabides de produtos, mas não creio que conseguirá acabar com essa nossa espécie feita de exceções.

Pode-se conhecer com perfeição toda a anatomia e fisiologia humanas, ler e estudar a fundo todos os livros de diversas psicologias que se publicaram, de sociologia, de economia, antropologia, de todas as ciências humanas; no entanto, quando se encontra pela primeira vez Geraldo, Fátima, Lourdes, Severino, Lúcia, seja quem for, diante de cada novo indivíduo humano, de carne e osso ou de letras e papel, para que se torne conhecido é preciso tramar com ele essa troca de narrativas. Na medida em que se trama o conhecimento mútuo, verdadeiro ou suposto, criamos uma nova realidade, muda a minha vida e muda a vida dele (ainda que ele seja personagem em um livro...) e então a narrativa de nossas vidas agora vai incluir essa nova relação.

Mesmo que o outro não se narre, nós mesmos inventamos uma narrativa sobre ele, o que pode ser a origem de paixões arrebatadoras e ilusórias, preconceitos, mitos, fantasias...

E disso dependem todas as nossas relações familiares, sociais, amorosas, intelectuais, culturais, profissionais...

É impossível permanecer humano, é impossível crescer como ser humano — o que é possível até o último suspiro — sem essa troca narrativa.

Nos primeiros milênios da humanidade a troca dependia do cara a cara, era preciso sentarmo-nos em volta de uma fogueira, no silêncio amedrontador da noite, para que as narrativas tramassem e construíssem as pessoas. Hoje, há alguns poucos milênios, temos essa maravilhosa invenção que é a escrita, e especialmente a aparentemente inútil escrita literária que nos permite ter à mão, muito além da nossa capacidade física de encontro, uma variedade enorme de indivíduos humanos com quem podemos nos identificar, rejeitar, amar, odiar, temer, admirar, assombrar-nos, aprender, alargando nossa experiência dos vários modos de ser humano.

Papel social do escritor, narrador, poeta, cantador é, e sempre foi, o de enriquecer esse processo. O que inova e recria a linguagem pra valer é a vida, penso. Papel de escritor, para mim, é servir à vida, narrando-a em três versos ou em calhamaços ficcionais, e não fazer firulas formais para gozo dos iniciados... Sou uma velhota fora de moda mas feliz: escrevo porque vivo surpresa e encantada pela vida, pelas vidas, e quero contar pra todo o mundo...

Não será a própria a afirmação, por algumas vozes teóricas de peso, repetidas à exaustão por aí, de que há um fracasso, de que o romance acabou, de que a poesia acabou, não há mais nada a dizer etc, de que o sujeito se dissolveu que cria a crise?

Tenho a impressão de que desabafos ou elaborações literárias de escritores, às voltas com os desafios ou as pedras que surgem sempre no meio do caminho de composição do texto literário, são transformados em teoria pelos especialistas e, a partir daí, deduzem-se modas críticas, regras, normas, modelos, destinos. Não será essa a crise? Ainda mais agora que literatura, ou o “ser escritor” são apregoado como “um ofício como outro qualquer”, que se aprende na “escola técnica” (uma oficina de escrita criativa ou semelhante), no curso de letras ou jornalismo, seguidos de mestrado e doutorado, cuja “carreira” — essa, sim, cheia de ameaças, apostas, perigos, riscos... e competição — parece depender de abandonar o mundo dos simples mortais e encafuar-se nas capelinhas literárias ou nos escritórios do mercado editorial? Nesse tempo em que jovens, pelo menos em parte do Brasil, decidem que vão “fazer carreira” antes de haver escrito alguma coisa, e principalmente antes de ter vivido, de ter conhecido mundo e de ter o que dizer? E, por consequência, põe-se a escrever e inundam as livrarias, blogs, mesas de debates dos mil eventos literários da moda falando sobre o escrever e sobre o não

ter o que dizer? Parece que para muitos, hoje, a afirmação de Virginia Woolf — “quem fala de escrever? O escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa” — já não se aplica facilmente...

Enquanto isso, o mundo lá fora continua rodando e os leitores possíveis sendo abocanhados pelo mercadão dos best-sellers de fórmula, traduzidos aos montões! Tenho a convicção de que isso é passageiro e não é universal. Tenho sido ao longo da (já longa) vida muito mais educadora do que escritora, e por isso sei que o mundo da vida — que não vai se acabar logo ali adiante, não, — continuará exigindo e suscitando literatura vital. Tenho lido muito, por exemplo, os jovens escritores portugueses e africanos lusófonos e me parece que não há crise nenhuma por lá, bem ao contrário.

\*\*\*